



A vida após o nascimento

No ventre de uma mãe grávida havia três embriões. Um deles era o pequeno crente, o outro era o pequeno desconfiado e o terceiro embrião era o pequeno descrente.

O pequeno desconfiado perguntou: “Vocês acreditam, de verdade, que há vida após o nascimento?”

O pequeno crente respondeu entusiasmado: “Claro que isso existe. Nossa vida aqui é pensada para que possamos crescer e para que possamos nos preparar para a vida após o nascimento, para que estejamos fortes o bastante para o que nos espera”.

O terceiro, o descrente, irritado com o rumo da conversa, interveio: “Bobagem, quanta bobagem. Isso não existe. Isso não faz sentido. Vocês conseguem imaginar algo assim, uma vida depois daqui?”

O segundo: “Eu não sei ao certo como será. Mas, com certeza, vai ser mais claro do que aqui. Talvez possamos correr por aí e comer com a boca”.

O primeiro, já arrependido de ter começado aquela conversa: “Quanta conversa fiada! Correr por aí, isso não é possível. E comer com a boca, que ideia mais cômica! Para isso existe o cordão umbilical, que nos alimenta. E, além do mais, não tem como haver uma vida após o nosso nascimento porque o cordão umbilical já está ficando curto agora. Que dirá correr por aí.”

O segundo: “Eu creio que uma vida após o nascimento pode funcionar sim. Mas, talvez seja diferente do que somos capazes de imaginar agora.”

O terceiro: “Nunca ninguém voltou depois de ter nascido. Com o nascimento, tudo chega ao fim. E a Vida não passa disso daqui, essa escuridão num lugar apertado”.

O segundo: “Mesmo que eu não sabia muito bem como possa ser uma vida depois do nascimento, ainda assim creio que então poderemos ver nossa mãe”.

O primeiro: “Não sei, não! Desconfio que a vida acaba por aqui mesmo.”

O terceiro: “Mãe? Você acredita numa mãe? Então me diga onde ela está!”

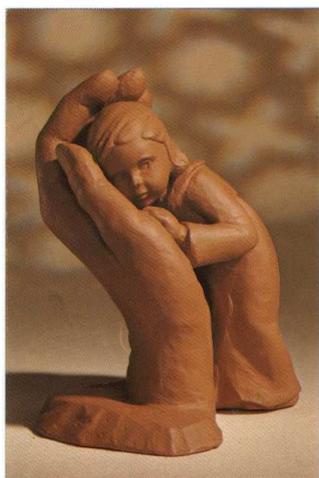
O segundo: “Ela está aqui... Em todo lugar. Nós somos e vivemos nela e através dela. Sem ela não existiríamos”.

O terceiro: “Você quer me convencer de um absurdo desses? Nunca percebi nada que pudesse me convencer da existência de uma mãe. Estou convencido de que ela não existe e ponto final.”

O segundo: “Sabem, algumas vezes, quando nos acurietamos aqui



Martim Lutero em seu Sermão sobre a preparação para a morte em 1519 comenta: "Quando nos despedimos de todos na terra, então temos que voltar para Deus novamente. É para lá que nos leva o caminho da morte. Ali começa a porta estreita, o caminho apertado para a vida. Aqui acontece o mesmo que ocorre no nascimento de uma criança. Esta nasce, com perigo e medos, da pequena moradia do ventre de sua mãe para dentro deste grande céu e desta grande terra. Da mesma forma, o ser humano sai desta vida pela porta estreita da morte. O céu e o mundo em que vivemos agora são considerados grandes e amplos. Mas tudo é muito mais apertado e menor comparado ao céu que nos espera. No entanto, o aperto da passagem para a morte faz esta vida parecer ampla e aquela outra, estreita. Precisamos acreditar nisso e aprender do nascimento corporal de uma criança. Temos que nos libertar do medo e saber que depois vai haver muito espaço e alegria."



Fato da vida

No início deste ano, fomos confrontados com a triste notícia da tragédia de Santa Maria, na Boate Kiss, onde 241 jovens perderam a vida. A notícia repercutiu no mundo inteiro, abalou comunidades, trouxe desespero e luto para as famílias e amigos. Isso nos faz refletir a respeito da transitoriedade e da fragilidade de nossa vida e nos questiona:

Porque é tão difícil aceitar a morte? *(Tempo para reflexão)*

Sabemos que a nossa vida é passageira, mas não imaginamos a nossa morte e a morte de pessoas queridas para um futuro próximo. Comente a respeito dessa afirmação.

A vida que nos foi dada é um presente de Deus que precisa ser administrado, cuidado e protegido e, depois de certo tempo, entregue de volta a Deus. Uma pessoa que faleceu muito jovem, tinha marcado em sua bíblia: "*Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!*" (Jó 1.21). Passagem do livro de Jó que lembra a transitoriedade e a fragilidade da vida e ao mesmo tempo a confiança em Deus.

Na maioria das vezes as pessoas lidam com a realidade da morte como algo muito distante. Pessoas agem como se a vida fosse eterna. Na nossa cultura ocidental há uma tendência de negar a realidade da morte. Cresce o número



“Já agora nossa personalidade sofre tremendas transformações ao avançarmos através dos estágios da vida, da infância até a adolescência, a maturidade e a velhice. Embora essas transformações possam ser dolorosas, permanecemos sempre a mesma pessoa. Semelhantemente, podemos esperar que permaneceremos nós mesmos quando formos recebidos na plenitude da nova vida.” (Hans Schwarz)

Salmo 39.6,12
Salmo 49.12-20.
Isaías 25.8; 29.16;
Daniel 12.2

1 Coríntios 15.13-14

Romanos 8.35-39

medicamentos, transplantes de órgãos, possibilidades de reprodução da vida ou por meio da manipulação genética. Por isso a vida se torna um produto de consumo e a morte se torna uma possibilidade cada vez mais distante e indesejável. Boa parte das pessoas nunca se confrontou com a experiência da morte. Pessoas próximas e familiares morrem em clínicas e hospitais, cuidados por profissionais pagos, isolados e distantes dos familiares. Todos os cuidados tendem a embelezar a realidade da morte. O risco é de que, se ignoramos a realidade da morte, não viveremos a vida real. E a tentativa será de viver a fim de esgotar todas as potencialidades da vida, numa corrida maluca em busca de bens materiais, depredação ambiental e individualismo doentio. Afinal, há que se aproveitar a vida ao máximo, pois depois será tarde.

O que ensina a Igreja

Em nossa volta há as mais diferentes interpretações sobre morte e vida após a morte. Elas nem sempre condizem com os princípios da fé cristã evangélico-luterana. Numa realidade onde predominam fortemente outras compreensões (visão dualista de corpo e alma, imortalidade da alma, doutrina da reencarnação) é necessário transmitir com clareza nossa compreensão de vida, morte e ressurreição. Afinal, a fé cristã se fundamenta no Deus que se torna gente, vence a morte e nos permite viver na esperança da ressurreição.

A respeito da vida, a fé cristã vai afirmar que o tempo do ser humano é limitado e finito. O ser humano é um ser passageiro e sua vida passa como um sopro. Mesmo que tardiamente, no Antigo Testamento surge a ressurreição como esperança real diante da morte. É o Novo Testamento que anuncia a derrota definitiva e a libertação do poder da morte a partir do evento da cruz e da ressurreição de Jesus. Esta é a grande novidade para compreender a morte e o morrer na Bíblia: *“E se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a nossa fé”*.

Pela graça de Deus, é possível morrer com esperança. Com a mensagem da ressurreição a comunidade cristã expressa a sua fé de que Deus fará nova criação e dará nova vida ao ser humano.

Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vem? O apóstolo Paulo expressa isso dizendo que a morte traz o fim de nossa vida, mas não o fim de nosso ser. O amor de Deus não permite que a morte apague o fato de que pertencemos a Deus. Paulo entende que o que era terrestre se torna celestial, o que era



*“Nosso Deus é maior
que toda dúvida.*

*Nosso Deus é maior
que toda angústia.*

*Nosso Deus é maior
que toda tragédia.*

*No seu colo
encontramos abrigo,
no calor do seu
abraço encontramos
a força,*

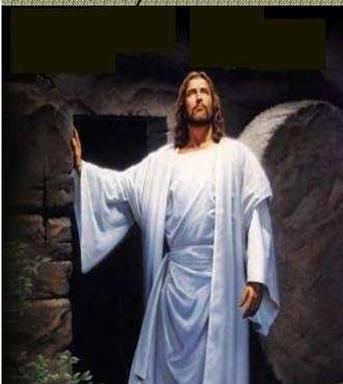
*e no brilho do seu
olhar, a confiança!*

*Já podemos ensaiar
um novo passo...*

*Provocar um gesto
novo...*

*Já podemos
renascer”.*

*(Ernesto Barros
Cardoso)*



Impulsos para seguir adiante...

Todos os anos, na época da Quaresma, temos um tempo oportuno para refletir sobre a temática vida, morte e ressurreição. É como se esse “trio” fosse um tripé espiritual que nos sustenta em nossa vida. Ao desconsiderarmos uma dessas dimensões, nosso andar se torna “manco” e muito mais difícil. Não sabemos quando vamos nos defrontar com situações de dor, perda, sofrimento.

A morte é o limite maior da condição humana. Desse limite nascem muitos sofrimentos, mas ao se desdobrar esse limite no dia-a-dia da nossa vida, isso pode funcionar como impulso para nossas superações constantes. É preciso assumir os limites (e isso inclui chorar, lamentar, questionar), aprender com eles (nisto a fé nos auxilia) para podermos, com o tempo (específico para cada qual), partir do luto para a luta!

A ressurreição não se refere somente às coisas futuras, mas também ao momento presente. Diante da tragédia da boate Kiss em Santa Maria criou-se todo um aparato de solidariedade (apoio psicológico por profissionais, pessoas que ofereciam suas casas para os familiares vindos de longe tomar banho e dormir). A força da ressurreição já se manifesta na vida que continua, que vai se recriando e se restabelecendo após as tragédias. É a solidariedade que nasce a partir do sentir a dor do outro, é o abraço, a palavra de conforto, a comoção que leva à ação, é a fé que age em amor, é a esperança que nos leva a ir além.

Palavras são incapazes de ressuscitar as pessoas que se foram, mas podem acordar os vivos, para que estes se mobilizem, para que outras pessoas não continuem sendo vitimadas pela irresponsabilidade tão comum nos dias de hoje. Fatos não podem ser modificados, mas as consequências deles em nós sim! E a fé é a mola propulsora de profundas e verdadeiras transformações!

Nesse sentido, que tal criar um grupo de apoio para pessoas enlutadas? Que tal oferecer um culto especial para tratar do tema do luto e convidar todas as famílias enlutadas da comunidade? É fundamental para as pessoas enlutadas a presença e o apoio da comunidade cristã da qual elas são parte. A comunidade de fé também representa o corpo de Cristo no qual a pessoa falecida ingressou pelas águas do Batismo e do qual não pode ser separada nem pela morte.